

A EDUCAÇÃO COMO CRÍTICA À MODERNIDADE NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

RESUMO

Nietzsche é crítico da educação a ele contemporânea, destacando a superficialidade do modelo de formação do homem moderno, que em nome do ideal de racionalidade técnica abdicou da cultura e demoliu o humano em favor de um modelo de homem dócil e obediente, e ao mesmo tempo destituído de personalidade. O autor não se detém aos formalismos da filosofia praticada em sua época, uma vez que o rigor do método não atenta para os problemas do mundo, ou seja, o social. Pretende-se com o desenvolvimento deste trabalho ressaltar a importância dada por Nietzsche a nova perspectiva educacional, destinada à reforma da cultura e, conseqüentemente da sociedade. Para o desenvolvimento do trabalho se fez necessário percorrer a vasta obra do autor, para tratarmos de sua concepção de Educação, visto que ele não se caracteriza como um autor sistemático.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Modernidade, Crítica, Além Homem.

ABSTRACT

Nietzsche is critical of his contemporary education, highlighting superficiality of the training model of modern man, who on behalf of the ideal of technical rationality abdicated the culture and demolished the human being in favor of a model of man docile and obedient, while devoid of personality. The author does not stop himself on the formalisms of philosophy practiced in his time, since the accuracy of the method does not see the world's problems, that is, the social.

The aim of the development of this work is highlight the importance of Nietzsche's new educational perspective, for reform of the culture and, therefore of society. For the development of this work was required research through the extensive work of the author, to address for his conception of education, since he is not characterized as an systematic author.

KEYWORDS: Education, Modernity, Review, Beyond Human.

INTRODUÇÃO

A filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) se apresenta como crítica da educação, ao destacar a superficialidade do modelo de formação do homem moderno, que abdicou da cultura em nome do ideal de racionalidade técnica e demoliu o humano em favor do modelo de homem dócil, obediente e destituído de personalidade. A perspectiva da educação em Nietzsche aponta como aspecto fundamental “educar os educadores”, ou seja, no processo de educação do homem é necessário ao educador educar primeiramente a si mesmo. Nietzsche não se atém aos formalismos da Filosofia praticada em sua época, pois entendia que o rigor do método não atentava para os problemas do mundo e para a esfera do social, portanto, quem se dedica a esses problemas e não reflete sobre o mundo da cultura, é considerado por Nietzsche distante dos verdadeiros problemas da Filosofia.

Os objetivos da pesquisa visam elucidar, à luz dos textos, a crítica de Nietzsche a educação moderna, assim como a evidente relação desta crítica com os fundamentos da modernidade. Nesta medida, o trabalho possibilitará ainda a análise dos motivos que, segundo Nietzsche, produziram a crise da sociedade burguesa.

A pesquisa ora desenvolvida e aqui apresentada é de natureza teórica e voltada para a discussão conceitual das obras de Nietzsche *Considerações Extemporâneas* (1978), *Assim Falava Zaratustra* (2009), *O Nascimento da Tragédia* (2005) e *Ecce Homo, ou como alguém se torna o que é* (1978). Deve-se ressaltar que as obras de Nietzsche não se apresentam de forma sistemática, sendo necessário recorrer a diversas obras do autor, visando explicitar os

conceitos que aqui interessa, uma vez que são retomados no decorrer de toda a obra de Nietzsche.

É necessário destacar que a abordagem utilizada para analisar o conceito de *gênio*, na primeira parte do texto trata-se da definição que é utilizada nos escritos de Nietzsche nos quais ele fala de educação tem como referência as obras identificadas por alguns estudiosos de Nietzsche como pertencentes à fase do positivismo romântico¹, período este em que o autor ainda se encontra sob a influência de Richard Wagner (1813-1883) e Artur Schopenhauer (1788-1860). No entanto, no segundo momento, o gênio, já é identificado como o indivíduo criador, característico da abordagem de Nietzsche a partir dessa ruptura.

Para tratar da proposta nietzschiana de contribuir para que surja o *Além Homem*², se faz necessário recorrermos a outros textos, que podem ser identificados como parte das fases do positivismo cético³ e período de reconstrução⁴.

Nessas fases Nietzsche promove uma ruptura em suas concepções filosóficas fundamentadas em Wagner e Schopenhauer, mesmo que o cerne de sua filosofia já tenha sido exposto desde seus primeiros escritos.

A partir da análise destes textos a autora buscou identificar a concepção nietzschiana de formação do homem caracterizada como meio para atingir o *Além Homem*, isto é, uma forma de vida superior e liberta do pensamento cativo, meta fundamental da educação segundo

¹ [▫] Na apresentação de *Ecce Homo*, a tradutora Heloisa da Graça Burati argumenta acerca da possibilidade da divisão da obra de Nietzsche em fases. (NIETZSCHE, 2005, p.5-6)

² O termo alemão é *Übermensch*. Há controvérsias quanto à tradução, fato este que contribuiu para os equívocos que ocorreram na recepção da Filosofia de Nietzsche. O termo costumava ser traduzido como “super homem”, com toda a sua conotação de gibi e nazismo; mais recentemente tem sido traduzido por “além homem” ou “além-do-homem”. Quanto às duas últimas alternativas há controvérsias, uma vez que o termo em alemão deveria ser “*Jenseitsmensch*”, o que não está no original. A tradução “além homem” levou a algumas interpretações metafísicas. Contudo, “a tradução mais próxima seria ‘supra-homem’”, isto é, “um ser virtual, capaz de transcender o ser humano que existiu até hoje na história enquanto pré-história do homem que deveria ter sido e não foi jamais. (KOTHE, Flávio R. Kothe In: NIETZSCHE, 2002, p.19) A tradução adotada para este trabalho é *Além Homem*, assim como consta edição de *Assim Falava Zaratustra* nas referências.

³ Conforme consta na apresentação de *Ecce Homo*, a fase do positivismo cético (1876-1881) se caracteriza por ser marcada pelas rupturas com Schopenhauer e Wagner, sendo esta uma forma de afirmar sua autonomia filosófica e política; crítica ao caráter demasiado humano da filosofia e defesa da liberdade de espírito. Obras *A Gaia Ciência* e *Assim Falou Zaratustra*.

⁴ Fase da reconstrução, a fase de Zaratustra e da afirmação da vida. *Além do Bem e do Mal, O Caso Wagner, Ditirambos a Dionísio, O Anticristo e Ecce Homo*.

Nietzsche. Por outro lado, a ênfase dada à questão da formação do homem colocou a autora em contato direto e objetivo com a crítica de Nietzsche à modernidade.

A partir do estudo das obras de Nietzsche, torna-se um desafio compreender seus escritos, e ao mesmo tempo manter a neutralidade necessária ao pesquisador, fato este que se deve a atualidade de sua Filosofia. As considerações de Nietzsche sobre o Estado, a cultura, a educação e a arte ecoam na contemporaneidade. Todos esses elementos compõem o contexto das relações e estão, na verdade, a serviço de uma dada ordem estatal que transforma os ítems da cultura em mercadoria.

Nietzsche estava ciente da extemporaneidade de sua obra e explicita, assim, sua preocupação com a cultura e o futuro da educação.

Devemos até mesmo considerar como verossímil que o próximo milênio chegue a algumas novas idéias diante das quais os cabelos de todo aquele que vive hoje ficariam de pé. A crença em sua significação metafísica da cultura não seria, afinal, tão apavorante: mas sim, talvez algumas conseqüências que se poderiam tirar dela para a educação e o sistema escolar.⁵

Nietzsche critica o sistema de Ensino porque entende a Educação como o processo de formação de homens superiores e livres. Ele afirma ser necessário um modelo, um exemplo de vida, para a educação dos homens livres, e este é o papel do filósofo educador, ou seja, deve servir de modelo, não só para os homens do seu tempo, mas para as gerações futuras — eis o significado de Schopenhauer para Nietzsche, o modelo de mestre. Schopenhauer exerceu a liberdade tecendo críticas ao seu tempo e praticando a filosofia como forma de vida. Nietzsche se inspira neste mestre: que criticou as verdades e os valores de seu tempo visando promover o homem livre.

No entanto, a partir do rompimento com as concepções pessimistas de Schopenhauer, Nietzsche pode ser identificado como o próprio filósofo educador, uma vez que expõe sua proposta para a formação do homem, mas agora, fundamentada na afirmação da vida, com ênfase no espírito dionisíaco, criador de novos valores.

⁵ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p. 84.

1. A CRÍTICA À EDUCAÇÃO MODERNA

A série de conferências de Nietzsche publicada postumamente sob o título de *Considerações Extemporâneas* é favorável a interpretação de sua crítica à Universidade alemã daquele tempo, que se mantinha indiferente a sua primeira obra, *O Nascimento da Tragédia*, e às suas considerações sobre a modernidade ⁶. Sua censura ao sistema de ensino alemão, provavelmente impulsionado pela indiferença aos seus livros, trás a tona o “analfabetismo da cultura” retratado pelo desconhecimento da cultura grega, um referencial para Nietzsche. Além desse analfabetismo, ele alertava também para o fato de que a educação praticada na modernidade causava o *empobrecimento do homem* tornando-o passivo e retrospectivo, uma massa uniforme.

Em *Schopenhauer como Educador*, conferência proferida em 1874, Nietzsche apresenta os pressupostos da formação do homem de *espírito livre*. Para ele, Schopenhauer não é um professor, mas o modelo de mestre com qualidades superiores e admiráveis. Nietzsche faz este elogio a Schopenhauer, pois recorre ao modelo de formação humanista, e afirma que o processo de formação dos homens fortes e superiores se baseia no diálogo com os grandes mestres do passado que se efetiva a partir do estudo dos clássicos. Schopenhauer é para Nietzsche o exemplo desse mestre e modelo, a quem ele denomina *gênio*. Nietzsche faz objetiva referência à admiração por Schopenhauer — que seria posteriormente revista. Schopenhauer é, disse ele:

O guia que conduz da caverna do desânimo cético ou da abstinência crítica à altura da consideração trágica, o céu noturno com suas estrelas sobre nós até o infinito, e que conduziu a si mesmo, como o primeiro, por esse caminho. Essa é uma grandeza: ter-se colocado em face da imagem da vida como um todo, para interpretá-la como todo; enquanto as cabeças mais perspicazes não podem libertar-se do erro de pensar que se chega mais perto dessa interpretação quando se investiam meticulosamente as cores com as quais, e a matéria sobre a qual essa imagem é pintada; talvez chegando ao resultado de que é uma tela de urdidura intrincadíssima, e sobre ela, cores que são quimicamente insondáveis. É preciso adivinhar o pintor, para entender a imagem. Disso Schopenhauer sabia. ⁷

⁶ DANELON, *Nietzsche Educador: Uma leitura de Schopenhauer como Educador*, p. 405-424.

⁷ NIETZSCHE, *Considerações Extemporâneas*, p.80.

É importante explicitar que Nietzsche via em Schopenhauer um autêntico filho de seu tempo; mas que combateu questões desse mesmo tempo, atitude que mostra, para Nietzsche, a mais pura expressão de liberdade humana. Isto define a grandeza do gênio, o ideal de homem superior tão perseguido na obra de Nietzsche.

Conceito presente em várias obras de Nietzsche, *gênio*⁸ faz referência ao homem que está além da cultura de seu tempo porque se dirige ao século seguinte, que não foi corrompido a uma *moral de rebanho*, que conserva e desenvolve toda sua potência crítica, em suma, o homem criador. O conceito de *gênio* foi introduzido nas obras de Nietzsche ainda na primeira fase, cujo significado é o homem de espírito livre, e que já desenvolveu todas as potencialidades criadoras. É possível estabelecer uma relação do conceito de *gênio* com o *espírito livre*, explicitado por Nietzsche na forma de símbolos dionisíacos em *Assim falava Zaratustra*.

Nietzsche explica a metamorfose do espírito humano até que este atinja o grau de desenvolvimento necessário para que seja então considerado espírito livre e criador, isto é, o *gênio*.

Três metamorfoses do espírito vos menciono: de como o espírito se muda em camelo, e em leão o camelo, e em criança, finalmente, o leão... O camelo é o símbolo do espírito paciente que suporta a carga do conhecimento e tem prazer em gozar sua força. O leão é símbolo dionisíaco do poder, da majestade, da independência, do querer dionisíaco que leva a vitória. A criança representa o jogo livre da atividade criadora. O espírito torna-se criança quando atinge o valor de ser autotélico, criador livre e inocente, sem porquês nem para quês, isto é desinteressado.⁹

A fase de camelo representa o momento em que o espírito já suportou com garra e força o peso do fardo de seu conhecimento, o denominado *amor fati*. Na fase do leão, o

⁸ Em o Nascimento da Tragédia, o gênio foi encarado como alguém capaz de mostrar uma verdade fundamental. No segundo momento, a criação é vista mais profundamente no domínio do humano, terreno, e estes impulsos são considerados não mais em um plano extra-humano. Em muitos livros de Nietzsche, o gênio representa o indivíduo criador, não para mostrar a verdade fundamental, mas para criar o diferente.

⁹ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p. 39.

homem libera todas suas forças dionisíacas e de afirmação da vida; por fim, a fase da criança na qual já se desenvolveu a criança com todas as suas potencialidades criadoras. A metamorfose é muito importante na concepção de Nietzsche, visto que representa as fases do espírito humano até que ele atinja seu potencial criador. Para que o espírito dionisíaco se desenvolva é necessário aceitar a condição de existência humana, suportar os seus infortúnios, procurando sempre superar as condições que tendem a tornar o homem um indivíduo submisso, ou seja, um escravo.

Nietzsche retoma as culturas antigas, grega e romana. Para ele, os antigos tinham um juízo de afirmação e valorização da existência, enquanto os filósofos modernos fomentavam uma “vontade de vida, e aspiram sair de seu próprio tempo extenuado em direção a uma civilização, a uma *physis* transfigurada”.¹⁰ Essa abordagem de Nietzsche se caracteriza como uma crítica a forma como a modernidade impunha valores que não contribuía para a formação de um homem livre, que afirmasse sua própria existência. Podem-se compreender essas considerações como a sua resistência a filosofia idealista que predominava em sua época. Entretanto, tais referências se estendem ao cristianismo, este que, segundo Nietzsche preconizava valores que rebaixam o homem a condição de passividade em detrimento do homem criador.

A retomada de Nietzsche aos antigos se apresenta em sua primeira obra *O Nascimento da Tragédia*, na qual o autor expõe o quão bela é considerada a vida pela civilização grega, e a intensidade com que ela deve ser vivida. Segundo Nietzsche, “a tragédia é justamente a prova de que os gregos não eram pessimistas”.¹¹ Ocorre aí uma valorização da vida, dos problemas do mundo.

Na *Segunda Consideração Intempestiva Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, Nietzsche desenvolve sua discussão acerca da história. Para ele, a história pode ser nefasta ao desenvolvimento humano se for abarcada como base universal fundadora de toda uma realidade. O historicismo é aqui o objeto de desconfiança de Nietzsche. Os fatos históricos vistos a partir dessa ótica acarretarão “um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruína, seja ele um homem ou

¹⁰ NIETZSCHE, *Considerações Extemporâneas*, p. 16 et seq.

¹¹ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p.63.

um povo, ou uma civilização”.¹² Há nessa abordagem o risco do homem permanecer preso aos acontecimentos passados, causado pela incapacidade de esquecer. Essa incapacidade de esquecer origina o espírito de vingança, transformando o homem em um ressentido. O homem ressentido não desenvolve seu potencial criador, e sim se torna reativo frente à situação, da qual ele se vê como uma vítima, isto é, torna-se passivo.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. [...] Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir absoluto – sua ação é no fundo reação.¹³

Os homens que se fundamentam no passado, almejando um futuro promissor são denominados por Nietzsche *homens históricos*.¹⁴ Esses *homens históricos* acreditam que o sentido da existência, no decorrer do processo virá cada vez mais à luz, ou seja, acreditam que no decorrer do processo histórico atingirão um dado nível de desenvolvimento em direção ao conhecimento puro. Entretanto, Nietzsche acha controversa essa forma de abarcar a história. Segundo ele, trata-se de uma concepção a-histórica do agir histórico, uma vez que, ao se considerar a história na abordagem do desenvolvimento humano se evidencia que se ocupa com o mundo da vida e não com o *conhecimento puro*, dado a uma metafísica, uma filosofia idealista. Aqui se evidencia a posição de Nietzsche em relação ao idealismo que influenciou a filosofia moderna e contemporânea a ele, principalmente do idealismo de Hegel, caracterizado pela visão de um fim último da humanidade na história. Esta visão da história crê sempre em um futuro melhor, em detrimento da realidade humana efetiva e singular, que está *pronta e alcançou seu termo*. É importante destacar no estudo da obra de Nietzsche que ele não aponta apenas pontos negativos de se considerar o passado, mas ressalta que o retorno aos clássicos é necessário e útil.

¹² IDEM, *Segunda Consideração Intempestiva*, p.10.

¹³ NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p. 28-29.

¹⁴ IDEM, *Considerações Extemporâneas*, p. 16 et seq.)

Segundo o historiador da Filosofia Nicolas Abbagnano, na *Segunda Consideração Intempestiva*, Nietzsche abarca três espécies de história, a saber, a *monumental*, a *arqueológica* e a *crítica*¹⁵. Ao tratar da história *monumental* sua principal contribuição ao considerar a importância do processo histórico é que a partir do contato com os feitos dos homens do passado, tornou-se possível a sua grandeza. Sendo assim, tal grandeza será possível novamente, ou seja, pensar que talvez queira o impossível, deixa de fazer parte da reflexão humana acerca de sua realidade. Sentir que todas as aspirações são possíveis é necessário para aqueles que se empenham na ascensão dos *espíritos livres*.

Para exemplificar sua consideração, Nietzsche se reporta aos iluministas, ponto a partir do qual inicia a crítica à erudição. Segundo ele, poucos homens com espíritos transformadores seriam capazes de propagar uma mudança fenomenal na história humana, como foram capazes os filósofos iluministas. Em suma, fatos como o Iluminismo demonstram o quanto aspirações que já foram consideradas impossíveis se tornam realidade.

Abbagnano elucida as outras duas espécies de história abordadas por Nietzsche, arqueológica e a crítica. A primeira se refere à forma de abarcar a história que se detém no que foi convencional e admirado no passado, não se preocupa em criar, mas sim em manter a tradição; a segunda se caracteriza como a forma de romper com passado, aniquilando-o, objetivando a renovação.¹⁶

Com o advento da modernidade e o movimento de afirmação da ciência tornou-se necessário exigir da história cientificidade. Outra característica da modernidade é a exacerbada erudição da intelectualidade da época, objeto da crítica de Nietzsche. O homem moderno, o erudito, detém um saber que permanece *interior*, sem nenhuma relação com a exterioridade da vida. Para Nietzsche, o saber deve impulsionar a transformação da realidade a partir da atuação como força criadora.

A cultura moderna está impregnada dessa forma de abarcar os saberes, é o que Nietzsche chama de pensamento- de- cultura e sentimento-de-cultura, sendo que dessa cultura não resultará nenhuma decisão- de- cultura.¹⁷ O pensamento de cultura se apresenta como a

¹⁵ ABBAGNANO, *História da Filosofia*, p.78-79.

¹⁶ ABBAGNANO, *História da Filosofia*, p.79.

¹⁷ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva*, p.16 et seq.

forma de abarcar o saber dos eruditos, isto é, todo o conhecimento permanece interior, não é utilizado para transformar a realidade cultural e social. Para Nietzsche, o conhecimento deve ser aplicado às reais necessidades da vida humana, isto é, se transformar em decisão de cultura.

Em sua crítica a erudição, Nietzsche chama a atenção para os homens chamados “enciclopédias ambulantes”, isto é, aqueles que absorvem de forma desordenada toda forma de saber, mas jamais conseguem estabelecer um paralelo com a realidade da vida. Ou ainda, segundo Nietzsche em *Ecce Homo*, “o erudito que no fundo não faz senão revirar livros”.¹⁸ Segundo Humberto Guido¹⁹, a cultura livresca trouxe o inconveniente da substituição do saber pela letra impressa, instituindo o seu dogmatismo, o que contribuiu para o supremacia dos eruditos no campo da cultura. O contexto cultural da modernidade contribuiu para que o saber, antes cultivado pelos antigos através da fala, fosse progressivamente substituído pela cultura livresca. A expansão da cultura universitária e a aceleração da formação — destinada à preparação rápida de indivíduos aptos a servir ao poder estatal e ao modo moderno de vida fez necessária a produção de livros em grande escala.²⁰

Nietzsche atenta para a transformação sofrida pela mais verdadeira de todas as ciências, a filosofia, que entre os antigos era vista como um modo de vida, percepção extinta pela modernidade que reduziu o valor do filosofar à erudição. Nietzsche sustenta sua posição fazendo referência à filosofia estoíca e ao juramento de fidelidade ao Pórtico:

Todo filosofar moderno está política e policialmente limitado à aparência erudita, por governos, igrejas, academias, costumes e covardias dos homens; ele permanece no suspiro: “mas se...”, ou no reconhecimento: “era uma vez”. A filosofia, no interior da cultura histórica, não tem direitos, caso queira ser mais do que um saber interiormente recolhido, sem efeito; se, pelo menos, o homem moderno fosse corajoso e decidido, ele não seria, também em suas inimizades, apenas um ser interior: ele a baniria; agora, contenta-se em revestir envergonhadamente sua nudez. Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: ali o permitido é sempre um só, e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica. São

¹⁸ IDEM, *Ecce Homo*, p. 68-73.

¹⁹ GUIDO, *A crise da universidade, ou a aurora da nova cultura: Nietzsche como educador*.

²⁰ MARTON, *Nietzsche das formas cósmicas aos valores humanos*, p.18.

homens ainda – pergunta-se então, ou talvez apenas máquinas de pensar, de escrever e de falar?²¹

Ao apresentar de forma tão contundente o modo de filosofar moderno, Nietzsche chama a atenção para os efeitos nocivos que ele causa na vida. Ele anula a identidade do homem que detém de forma exacerbada o saber, uma vez que se transforma em “enciclopédia ambulante”, não são nada mais que “abstrações concretas” e o historicismo acaba por erradicar o futuro porque destrói as ilusões. A visão historicista destrói as ilusões porque a história humana é constituída de crueldade, e para que a felicidade se torne possível não se deve valorizar de forma tão absoluta a história. Nietzsche afirma que a história pode ser nociva à vida, principalmente das ditas personalidades fracas, uma vez que estas modelam sua vida em função desse passado, gerando grandes deformidades, pessoas passivas e retrospectivas, passíveis de uniformização. Nietzsche “diz que a história só pode ser suportada por personalidades fortes, as fracas ela extingue totalmente”.²²

Estabelece-se nesse ponto, de forma mais contundente, a crítica à filosofia idealista de Hegel. Nietzsche (2003) alerta para a necessidade de contrariar aquele tipo de consideração que supervaloriza o processo histórico em detrimento do ser e da vida.²³

1.1. Educação como moral estatal

Nietzsche crítica enfaticamente a idéia de Estado supremo presente na Filosofia de Hegel. Esta Filosofia influenciou a modernidade ao desconsiderar a singularidade e a complexidade humana a favor da idéia de Estado Universal, ferindo os princípios de liberdade dos homens superiores. Pode-se verificar a posição de Nietzsche em *Ecce Homo*:

Só a nulidade completa da nossa formação alemã – o seu “idealismo” – me explica até certo ponto porque é que justamente nisto permaneci atrasado até a santidade. Semelhante “formação” que, de antemão, ensina a perder de

²¹ NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva*, p.44

²² NIETZSCHE, *Segunda Consideração Intempestiva*, p.44

²³ Ibid.

vista as realidades, para ir à caça de objetivos ditos “ideais”, inteiramente problemáticos, como, por exemplo, “a educação clássica”: como se não fosse algo previamente condenado, em um só conceito “clássico e alemão”.²⁴

Inicia-se nesse ponto a crítica que o autor tece a atuação do filósofo a serviço do Estado. O *filósofo educador*, para Nietzsche, ele deve ser o gênio, uma vez que, lhe cabe a tarefa de promover a formação de indivíduos atuantes e livres, em contraposição a todo o modelo moderno de educação.

Em *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche diferencia a forma de o filósofo ver a cultura, da forma pela qual o professor de filosofia a enxerga. Como explicitado anteriormente, o filósofo nietzschiano representa o espírito livre, o gênio, e por isso deve promover a “libertação do pensamento cativo”, causa determinante de todo empobrecimento e negação da vida, bem como do processo de homogeneização cultural. Já o professor de filosofia, o filósofo a serviço do Estado, é o homem culto, erudito, e que se empenha em afirmar uma determinada ordem em detrimento da vida, o que o torna “inimigo da cultura”.

É possível que esteja nessa diferenciação a crítica de Nietzsche a Kant. Mesmo Kant se reportando a uma educação da perfeição e da autonomia, o que ele fomentava, de fato, eram os interesses e a soberania do Estado absoluto. Nietzsche vê Kant como *pensador erudito* e não como *homem efetivo*, pois entende que ele não fez de sua Filosofia qualquer modelo de vida.²⁵

Nietzsche identifica no filósofo educador o personagem que destruirá o jogo enganoso do vir-a-ser (desenvolvimento), a partir do ser e não no ser outro, promovendo a afirmação da vida. “Agora ele começa a verificar o quão profundamente está arraigado ao vir-a-ser, o quão profundamente ao ser, uma tarefa descomunal ergue-se diante de sua alma: destruir tudo o que vem a ser, trazer a luz tudo o que é falso nas coisas”.²⁶ Trata-se do filósofo educador que tem a missão de guiar os demais homens a afirmação da vida, da realidade que se apresenta, e não, almejar alcançar uma natureza superior abstrata pautada em um *além mundo*, uma vida eterna, como o faz o cristianismo.

²⁴ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p.31.

²⁵ NIETZSCHE, *Considerações Extemporâneas*, p.83.

²⁶ Ibid.

Em *Zaratustra Educador*, Nietzsche retoma esta questão expondo a missão do pescador de homens, daquele homem superior que promoverá a ascensão ao *Além-Homem*: “Porque eu sou, originária e fundamentalmente, força que puxa, que atrai, que levanta, que eleva: guia, corretor e educador, e não foi em vão que um dia disse a mim próprio: Torna-te o que és!”.²⁷ O filósofo educador que tem por objetivo destruir o jogo enganoso do vir a ser se equipara ao pescador de homens, visto que ambos tem o mesmo objetivo, destruir os enganos promovidos por uma visão que prioriza um mundo abstrato em detrimento da existência humana, e a partir daí promover o surgimento de um homem, cujo espírito é livre e criador.

1.2. Crítica à modernidade política

Predomina nos estudos sobre Nietzsche do início do século XX até os dias atuais a idéia de que este não se trata de um pensador político. No entanto, pode se evidenciar a partir de autores contemporâneos como Oswaldo Giacóia Junior o florescimento de estudos que identificam em Nietzsche a crítica à modernidade política.²⁸ É necessário salientar que a abordagem política de Nietzsche, definida como *A Grande Política*, faz parte, sobretudo, do último período intelectual do filósofo, em que ele já havia rompido com a influência de Schopenhauer e Richard Wagner. A partir do estudo dos textos de Nietzsche é possível se identificar que é constante a preocupação do filósofo com as questões sociais e políticas. Fator este que nos leva a crer que não se pode reduzir sua extensa e densa obra a uma crítica estética e mera literatura reacionária e romântica.²⁹

Pode-se estabelecer relação entre a abordagem política e a abordagem pedagógica de Nietzsche. Esta última entendida como a formação do *Homem Superior*, este que se caracteriza como a ponte para o *Além Homem*. Para que humanidade possa atingir uma cultura superior se faz necessário superar todos os valores vigentes, estes que tendem a manter os homens empobrecidos, servidores de uma moral de rebanho, a moral do homem

²⁷ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p.305.

²⁸ GIACÓIA In: ITAPARICA, *Algumas notas sobre A Grande Política*, p.147-163.

²⁹ Ibid.

servil, que segue padrões pré-estipulados, de forma uniformizada. Essa posição de Nietzsche culmina na crítica da formação normativa e técnica.

É possível estabelecer uma relação entre a concepção de Nietzsche acerca da tarefa dos “grandes espíritos do próximo século” aos quais ele se dirige em seus textos e a proposta do filósofo educador, do *gênio*, que ele explicita ainda na obra da primeira fase em *Schopenhauer Educador*. Segundo Giacóia, o filósofo educador da primeira fase de Nietzsche é entendido como aquele para o qual está reservada a tarefa de assumir a racionalidade filosófica e conduzir os homens rumo a uma forma superior de vida, pautada na autonomia, criatividade e criticidade, em detrimento de valores amesquinhadores que deixam o homem em condição de passividade, predominantes na Modernidade.³⁰

A idéia dos grandes espíritos do próximo século está expressa nas obras da segunda e última fase de Nietzsche, contudo, pode-se verificar o cerne dessa concepção de Nietzsche em todos os seus textos, o que fica explícito de forma concisa em *Assim Falava Zaratustra* e no seguinte trecho de *Além do Bem e do Mal*:

Moral privada e moral Mundial – após o fim da crença de que um deus dirige os destinos do mundo e, não obstante as aparentes sinuosidades no caminho da humanidade, a conduz magnificamente à sua meta, os próprios homens devem estabelecer para si objetivos ecumênicos, que abranjam a Terra inteira. A antiga moral, notadamente a de Kant, exige do indivíduo ações que se deseja serem de todos os homens: o que é algo belo e ingênuo; como se cada qual soubesse, sem dificuldade, que procedimento beneficiaria toda a humanidade, e, portanto, que ações seriam desejáveis; é uma teoria como a do livre-comércio, pressupondo que a harmonia universal tem que produzir-se por si mesma, conforme leis inatas de aperfeiçoamento. Talvez uma futura visão geral das necessidades da humanidade mostre que não é absolutamente desejável que todos os homens ajam do mesmo modo, mas sim que, no interesse de objetivos ecumênicos, deveriam ser propostas, para seguimentos inteiros da humanidade, tarefas especiais e talvez más ocasionalmente. Em todo caso, para que a humanidade não se destrua com um tal governo global consciente deve-se antes obter, como critério científico para objetivos ecumênicos, um conhecimento das condições de cultura que até agora não foi atingido. Esta é a imensa tarefa dos grandes espíritos do próximo século.³¹

³⁰ Ibid.

³¹ NIETZSCHE, Para além do Bem e do Mal, p.89-90.

Nesta passagem, Nietzsche expressa também sua recusa ao princípio de igualdade, este que se norteava o Socialismo. Esse princípio era norteado por pressupostos cristãos, que diz que todos devem ser iguais e irmãos, pois todos são filhos de Deus. Está caracterizada uma abordagem política na Filosofia de Nietzsche.

Nietzsche se preocupou com os rumos que tomou a modernidade, esta se encontra órfã de significação, uma vez que o lugar antes ocupado pela religião, que explicava o sentido da vida, se encontraria vago; fora substituída pela supremacia do conhecimento científico.

A preocupação de Nietzsche com a falta de significação da vida na modernidade, pode ser constatada a partir da afirmação de Giacóia ao fundamentar a existência em *Humano Demasiado Humano* de uma reflexão sobre a política.

Poderíamos dizer com algum risco de simplificação, que *Humano Demasiado Humano* já elabora uma reflexão crítica sobre a política, no sentido da tarefa cultural que consiste em instituir referências valorativas de longo alcance e tolerância, tendo em vista as necessidades globais e os macros problemas da humanidade, uma vez que nenhuma divina providência transcendente, nenhuma lei moral inscrita universalmente em nossos corações preside mais a ordenação ética do universo, ou prevê um sentido para existência humana.³²

A crítica de Nietzsche à modernidade política prossegue como que a golpes de martelada. Ele identifica o movimento democrático como herdeiro do cristão. É importante explicitar a posição de Giacóia acerca das concepções de Nietzsche sobre as aspirações à igualdade no plano político, à democracia igualitária, que é uma das principais marcas do movimento político moderno:

Para Nietzsche, o liberalismo burguês, com suas aspirações universais à igualdade, no plano político, leva primeiramente, à tentativa de universalização das instituições democráticas e, a partir delas, ao nivelamento e igualização da humanidade, transformada em “rebanho uniforme”.³³

³² GIACÓIA In ITAPARICA, *Algumas notas sobre A Grande Política*, p.147-163.

³³ GIACÓIA In ITAPARICA, *Algumas notas sobre A Grande Política*, p.147-163.

A análise de Nietzsche do movimento democrático como segmento de uma *moral de rebanho* tem sua relevância do ponto de vista do projeto ao qual ele se empenha em realizar. Isto, porque segundo as considerações de Giacóia, pode-se concluir que o grande projeto democrático moderno assume a roupagem da homogeneização da cultura e a passividade, acarretando o empobrecimento do homem.

2. EDUCAÇÃO PARA O ALÉM HOMEM

Para Nietzsche, a educação deve se preocupar em formar o homem livre, criativo e crítico. Para tanto, é necessário um novo modelo de educação, que estimule a arte criativa, filosofia, leitura e a escrita, tarefa extinta pelo Estado que favorece o historicismo e a supremacia da ciência.³⁴

Um conceito fundamental na proposta de Nietzsche é o de *Além Homem*, este que pode ser explicitado a partir das considerações de Deleuze:

E, na verdade, nem sabemos o que seria um homem desprovido de ressentimento. Um homem que não acusasse e não depreciasse a existência, seria ainda um homem, passaria ainda como um homem? Já não seria algo distinto do homem, quase o super-homem?³⁵

Segundo Deleuze, o *Além Homem* é o desprovido de ressentimento, uma vez que tal ressentimento se caracteriza como o poder de negar que se exprime nas forças reativas. Em Nietzsche, é necessário dar vazão às forças agressivas, pois ela sim é força criadora. Em suma, o *Além Homem*, é este capaz de dar vazão a todas as potencialidades criadoras, isto é, a

³⁴ NIETZSCHE, *Considerações Extemporâneas*.

³⁵ DELEUZE, *Nietzsche e a Filosofia*, p.41.

vontade de poder como caráter de vida, a agressividade do pensador dionisíaco contrapondo assim o ressentimento do pensador cristão .

Para entendermos melhor a proposta nietzschiana de uma Educação voltada para o desenvolvimento do *Além Homem* é necessário recorrer à obra magna *Assim Falava Zaratustra*. Nietzsche expõe sua concepção do *Além Homem* em meio a severas críticas ao Estado, o que, segundo Mário Ferreira dos Santos, pode levar a uma leitura anarquista da obra: “Ali, onde acaba o Estado, começa o homem que não supérfluo; ali começa o canto dos que são necessários, a melodia única e insubstituível... Ali, onde acaba o Estado... olhai, meus irmãos! Não vedes o arco-íris e a ponte do Além Homem?”³⁶ Nietzsche supera a existência do Estado e, por isso, pode ser interpretado como anarquista. Mas o *Além Homem* é aquele que vive de maneira nobre e eticamente livre, é aquele ser capaz de criar e superar valores já impostos, bens que não podem ser alcançados pelo homem comum, como propõe o anarquismo, mas só pelo *Além Homem*.³⁷

Uma célebre afirmação de Zaratustra, esta que deu margem a várias interpretações se faz necessária no contexto da definição do Além Homem:

Que o porvir e o mais remoto sejam para ti a causa de teu hoje; em teu amigo debes amar o Além Homem, como razão de ser. Meus amigos, eu não vos aconselho o amor ao próximo; eu vos aconselho o amor ao mais remoto.³⁸

Nesse trecho, Nietzsche apresenta de forma contundente a apologia ao porvir, ao que ainda é remoto. Entretanto, esse posicionamento é relevante quando se trata do surgimento do homem cuja natureza é superior. “O amar ao próximo” é aqui interpretado por Nietzsche como amor ao homem cuja natureza é inferior, este que anula sua capacidade criadora, que não dá vazão à vontade de potência e de superação das imposições de uma moral domesticadora. Em contraposição a esse amor, ele propõe o amor ao que é remoto, ao ainda longínquo, mas possível: ao *Além Homem*. Este é, para Nietzsche, o homem que já se

³⁶ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p.76.

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid, p.70.

submeteu às três fases metamorfoses do espírito. Para explicitar esse posicionamento são interessantes as palavras que Nietzsche escreve em *Ecce Homo* acerca das interpretações equivocadas do termo *Além Homem*:

A palavra *super homem* para a designação de um tipo de suprema perfeição, em contraste com homens *modernos*, com homens *bons*, com cristãos e outros niilistas, uma palavra que, na boca de aniquilador da moral, se torna uma palavra muito meditativa, foi entendida quase em toda a parte com total ingenuidade, no sentido de valores, cuja antítese, se manifestou em Zaratrusta: isto é, como tipo *idealista* de uma espécie superior de homem, meio *santo*, meio *gênio*.³⁹

Em *Do Homem Superior*, Nietzsche expõe a busca de Zaratrusta pelo *Homem Superior* que promoverá o grande *Grande Meio Dia*^{40, 41}. Mas observa que os homens tidos como superiores são, na verdade, servidores de uma moral de rebanho, domesticadora e normatizadora, que afirma a supremacia estatal e a dominação. O profeta proclama: “Homens Superiores, dominai as mesquinhas virtudes, essas pequenas prudências os crepúsculos grandes como grãos de areia, o bulício de formigas, a ruim complacência, a felicidade do maior número”.⁴²

Uma educação que forma homens passivos, apáticos e que agem segundo padrões uniformizadores é uma importante ferramenta para a cultura utilitária “do máximo de produção e necessidade possível”, e do maior lucro.

O *Homem Superior* proposto por Nietzsche promoverá a ascensão ao *Além Homem*, no entanto, deve-se investir na formação desse homem. Faz-se necessário no projeto de Educação de Nietzsche, uma educação superior, no sentido de incentivar os valores que afirmam a existência, a própria vida, e não que busque fundamentações em um *além mundo*, ou seja, a esperança numa vida eterna, conforme defende o cristianismo

³⁹ NIETZSCHE, *Ecce Homo*, p.53.

⁴⁰ O Grande Meio Dia representa o dia em que o *Além Homem* triunfará, isto é, o homem não mais estará vinculado a valores inferiores que negam a existência. (NIETZSCHE, 2009, p.112)

⁴¹ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratrusta*, p. 358 et.seq.

⁴² Ibid, p.358-368.

2.1. Educação crítica da cultura: O homem como ponte para o *Além Homem*

O homem é uma corda estendida entre o animal e o Além-Homem: uma corda sobre um abismo. Perigoso passar um abismo, perigoso seguir esse caminho, perigoso olhar para trás, perigoso temer e parar. A grandeza do homem consiste em ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem, é ser ele uma *ascensão* e um *declínio*... amo aos que não necessitam procurar além das estrelas uma razão pra perecer e oferecer-se em sacrifício, mas que se imolam à terra, para que a terra pertença um dia ao *Além-Homem*...⁴³

Segundo Nietzsche, o homem se caracteriza como ponte para sua própria superação, ou seja, para atingir o *Além-Homem* é necessário superar o *homem*, o que não significa que se trata de negá-lo, mas sim de recusar o homem decadente, empobrecido, apático e servil. Trata-se, portanto, do homem ao qual Nietzsche denominou o *último homem*, o homem moderno. O profeta Zaratustra já previa a existência dessa espécie de homem: “Ah! Aproxima-se o tempo em que o homem será incapaz de dar à luz uma estrela bailarina⁴⁴. O que vem é a época do homem mais desprezível entre todos, que nem poderá mais desprezar a si mesmo”.⁴⁵

Estabelece-se assim a importância da educação que valoriza a criatividade, a afirmação da vida, que visa promover a autonomia, portanto, que supera uma educação domesticadora. É necessário promover no âmbito da vida humana uma formação dionisíaca.

⁴³ Mario Ferreira dos Santos, o tradutor de *Assim Falava Zaratustra*, expõe na explicação da simbólica de Nietzsche o significado dos termos ponte e abismo. O primeiro se refere “a ligação de uma de vida a outra”, o segundo se trata de um “símbolo dionisíaco do ser dos seres, no devir do infinito, onde tudo se perde, de onde tudo vem (princípio e fim, alfa e ômega, símbolo também de Deus). Segundo o autor, o abismo é a vertigem do ser. O homem é uma corda acima de um abismo (ein Seil über einem Abgrunde), se cair, tombará no abismo, retornará ao ser de onde vem. Se ultrapassar, alcançará outra vida o Além Homem”. Quanto à ascensão e declínio, “o homem declina, enquanto ascende ao *Além-Homem*. Ao mesmo tempo significa que o homem é passagem e queda, porque nele há o que se ergue e o que desce, o que passa de uma vida para a outra. (NIETZSCHE, 2009, p.22-24)

⁴⁴ Para os dionisíacos, estrela é o símbolo da alma dionisíaca que brilha na noite mística. Uma estrela bailarina é uma estrela que dança, é uma criação luminosa, dinâmica em devir. O homem precisa criá-la, isto é, dar-lhe forma, com o que tem seu caos, quer dizer, no que precede à ordem (Kosmos). (NIETZSCHE, 2009)

⁴⁵ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p.27.

Para tratar de uma formação dionisíaca, se faz necessário esclarecer o conceito de dionisíaco. O dionisíaco para Nietzsche se apresenta como oposição ao niilismo. Trata-se de não mais negar a existência, ou esta vida em nome de um nada, mas ao contrário, de afirmar a existência e a vida tais como ela se apresenta ao homem.⁴⁶

O dizer sim à vida, mesmo nos seus mais estranhos e duros problemas; a vontade de viver, que se alegra com o sacrifício dos seus tipos mais elevados à própria inesgotabilidade – foi a isso que eu chamei dionisíaco, foi isso que entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para se livrar do terror e da compaixão, não para se purificar de uma emoção perigosa mediante a sua descarga veemente – assim o entendera Aristóteles, mas para, além do terror da compaixão, *ser em si mesmo* o eterno prazer de vir a ser – prazer que encerra em si mesmo o eterno prazer do vir a ser – prazer que encerra em si também a *alegria do aniquilamento*. Tenho, nesse sentido o direito de considerar a mim mesmo como o primeiro filósofo trágico – isto é, o extremo contraste e antípoda de um filósofo pessimista.⁴⁷

O dionisíaco está em relação com o conceito de trágico, que se identifica como um dizer sim à vida exercendo em toda sua completude a vontade de viver, enfrentando e superando os problemas e adversidades da existência.

2.2. Educação libertadora da cultura utilitária e da moral estatal

Nietzsche apresenta de forma contundente sua recusa ao utilitarismo, pois a moral utilitária desempenha o papel de fornecer as bases para a dominação capitalista e voltada para o comércio e o consumo. A máxima do utilitarismo, de que se faz necessário o máximo de conhecimento e de cultura possível, visando atingir o máximo de felicidade possível para o maior número de pessoas possíveis se caracteriza como a legitimação do conhecimento por sua utilidade. Essa visão é questionada por Nietzsche, visto que essa máxima fundamenta a economia capitalista, a prática do consumo, visando à satisfação de desejos cada vez mais intensos e diversificados.

⁴⁶ IDEM, *Ecce Homo*, p.62-67.

⁴⁷ NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p. 65.

Há uma relação entre a crítica à cultura utilitária e a crítica à erudição exposta na *Terceira Consideração Extemporânea* (1978) e em *Sobre o Futuro dos nossos Estabelecimentos de Ensino* (2003). Na exposição acerca da erudição, ele se refere ao aumento da cultura livresca e à produção em grande escala dos livros ruins, que não podem ser considerados livros *escritos com sangue*, livros escritos com *espírito criador*; eis a marca da sublitteratura criticada por Nietzsche. No segundo texto, o autor enfatiza a contribuição do jornalismo para a decadência da educação universitária. Segundo expõe Nietzsche em *Sobre o Futuros dos nossos Estabelecimentos de Ensino*, há uma associação, no modelo universitário alemão, entre o utilitarismo, o cientificismo e o jornalismo.

A expansão da imprensa jornalística estava diretamente relacionada à reforma universitária. Aliada a intensificação da produção de livros, se deu a expansão da divulgação de informações, no entanto, o jornalismo não se restringiu a essa função, mas influenciaria o comportamento das pessoas, impondo novos gostos e práticas. A ciência se aliaria ao império da informação divulgando seus progressos e provocando a sensação da difusão social da sabedoria que não se restringe às comunidades científicas. Contudo, segundo Nietzsche, o que de fato ocorre é o empobrecimento do conhecimento e a “banalização da cultura”.

Ao tratar dessa da difusão do conhecimento científico é relevante destacar a passagem de *Assim Falava Zaratustra*, na qual ele expõe sua concepção do diálogo na praça pública: “tudo quanto é grande passa longe da praça pública e do renome. Longe da praça pública e do renome viveram sempre os descobridores de valores novos”.⁴⁸ Nietzsche acredita que o diálogo na praça pública não é produtivo, pois as grandes criações e os sucessos da ciência, assim como os valores que influenciaram a cultura, foram desenvolvidos fora desse âmbito de convívio com o homem mesquinho e desprovido de conhecimento necessário ao entendimento, ou seja, a massa. Com o advento da modernidade, além da ascensão da cultura livresca, houve o exacerbado aumento do índice de informações a partir dos jornais, ou seja, a democratização das informações do cientificismo. No entanto, as pessoas não estavam preparadas para compreender a linguagem científica obrigando o desenvolvimento de uma forma facilitadora de comunicação, empobrecendo e banalizando ainda mais a cultura. Os que se encarregam de facilitar a transmissão das informações na praça pública são denominados por Nietzsche atores e palhaços, “cheia de truões ensurdecadores está a praça pública e o povo

⁴⁸NIETZSCHE, *Assim Falava Zaratustra*, p.78.

se vangloria de seus grandes homens. São eles os ‘homens da hora’”.⁴⁹ Esses homens são capazes de grande eloquência e obtêm total credibilidade. Esse momento no qual as informações são transmitidas de maneira a facilitar o entendimento é demasiado nocivo para o homem, visto que não se tem acesso às informações verdadeiras, nem como foram produzidas, nem como podem beneficiar a vida. A comunicação ali desenvolvida não trata com a relevância necessária assuntos fundamentais para o contexto da vida humana. Mais uma vez, enfatizando a questão de que os participantes desse diálogo não estão preparados para tal responsabilidade, Nietzsche defende a atividade solitária.

Quanto aos chamados “homens da hora”, pode se estabelecer uma conexão com o diálogo democrático da modernidade, cujo protagonista é o político. O discurso de promoção de um ambiente propício a participação tanto nas decisões políticas, bem como na partilha dos sucessos e insucessos da ciência, trata-se na verdade, de uma encenação, cujos palhaços e atores se encarregam de conduzir o show, se empenhando na banalização cultural e na dominação política e econômica, comprometendo questões de suma importância no contexto da vida.

Já está presente desde os primeiros textos de Nietzsche publicados a partir de Conferências proferidas por ele no *Akademisches Kunstmuseum* da Basileia, entre janeiro e março de 1872, para um público de estudantes intelectuais e personalidades ilustres a contudente crítica a uma educação voltada para legitimar a vontade do Estado. As conferências compõem o escrito inacabado de Nietzsche, cujo título é *Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*.⁵⁰

Na primeira Conferência, Nietzsche expõe de forma clara e precisa as duas vertentes que norteiam a cultura e a educação na modernidade:

Assim, me pareceu que se tratava de distinguir duas orientações principais: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos, mas unidas enfim nos seus resultados, dominam atualmente os estabelecimentos de ensino: a tendência à *extensão*, à *ampliação* máxima da cultura, e a tendência à *redução*, ao *enfraquecimento* da própria cultura. A cultura, por diversas razões, deve ser entendida a círculos cada vez mais amplos, eis o

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ MELO SOBRINHO In: NIETZSCHE, *A Pedagogia de Nietzsche*, p.9.

que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo.⁵¹

A reflexão acerca da educação, tomando-a na sua acepção filosófica, isto é, não apenas escolar, encontra-se nas obras de Nietzsche uma referência privilegiada. Nietzsche aponta a moralidade e a política moderna como transformação vulgarizada dos antigos valores metafísicos e religiosos em detrimento das condições nas quais se desenvolve a vida social. Para ele, a cultura e os valores modernos estavam impregnados de mediocridade e barbárie, cujo efeito na educação conservava os estudantes na ignorância das questões filosóficas e relacionadas ao sentido da existência incentivando o conformismo.

2.2.1. Educação para a ciência

Desde o *Nascimento da Tragédia* está presente na obra de Nietzsche sua preocupação com a ciência, e os rumos que esta tomou com o advento da modernidade. Suas considerações acerca da modernidade estão diretamente ligadas à cientificidade exigida por essa época e as suas considerações sobre os estabelecimentos de ensino.

Todo o nosso mundo moderno está preso na rede da cultura alexandrina e reconhece como ideal o homem teórico, equipado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo protótipo e tronco ancestral é Sócrates. Todos os nossos meios educativos têm originariamente esse ideal em vista: qualquer outra existência precisa lutar penosamente para pôr-se à sua altura, como existência permitida e não como existência proposta.⁵²

⁵¹ NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, p.61.

⁵² NIETZSCHE, *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*, p.108-109.

Há na abordagem de Nietzsche uma crítica dirigida à modernidade, esta que considera como único conhecimento aceitável aquele que atende as regras estabelecidas pela ciência, em detrimento das demais formas de conhecimento e relações do homem com a realidade.

É fundamental para se compreender a abordagem de Nietzsche acerca do papel da ciência na modernidade, bem como na formação do *Além Homem*, analisar suas considerações sobre os estabelecimentos de ensino.

Quem atribui como objetivo do ginásio a cultura que forma para ciência, este sacrifica com isso a cultura clássica e também o que se chama de cultura formal, e, de uma maneira geral, todos os objetivos do ginásio que têm relação com a cultura: pois o homem de ciência e o homem culto pertencem a duas esferas diferentes que, às vezes, têm num indivíduo um ponto de contato, mas que jamais chegam a coincidir.⁵³

Para Nietzsche, a educação moderna tem como prioridade formar o homem para a técnica, tendo como base a racionalidade científica. Tal modelo de formação se apresenta como prioridade diante da realidade tomada pela cultura utilitária. Diante desse contexto, a cultura clássica não é mais cultivada nas escolas, um exemplo característico, segundo Nietzsche é o modo como se ensina as línguas, “nada podemos encontrar no curso de alemão que lembre a antiga grandeza da educação lingüística”.⁵⁴ A educação no ginásio se apresentava ineficiente diante das necessidades da época, isto é, formar para a ciência, assim como, para contribuir com a formação do homem livre.

Quanto à abordagem de Nietzsche acerca da ciência, Deleuze esclarece que:

É verdade que Nietzsche tem pouca competência e pouco gosto pela ciência. Mas o que o separa da ciência é uma tendência, uma maneira de pensar. Com razão ou sem ela, Nietzsche crê que a ciência no seu manejo de quantidade, tende sempre a igualizar as quantidades, e compensar as desigualdades. Nietzsche, crítico da ciência, nunca invoca os direitos da desigualdade contra a igualização das quantidades. Nietzsche concebe uma “escala numérica e quantitativa”, mas cujas divisões não são os múltiplos ou

⁵³ IDEM, *Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, p.75.

⁵⁴ NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, p.75.

os divisores uns dos outros. É precisamente isso que ele denuncia na ciência: a mania científica de procurar compensações, o utilitarismo e o igualitarismo propriamente científicos.⁵⁵

Segundo Deleuze, Nietzsche identifica nessa tendência moderna de tentar reduzir as diferenças como a forma que a ciência participa do niilismo no pensamento moderno. O que se apresenta como a negação da vida e depreciação da existência. Essa tendência é então representada pelo utilitarismo e o igualitarismo, sendo ambos, ponto de referência dos estudiosos que identificam em Nietzsche uma abordagem política.

Retomando as considerações sobre os Estabelecimentos de Ensino, deve-se destacar que “para o ginasiano de hoje, os Helenos enquanto Helenos estão mortos, certamente ele se diverte lendo Homero, mas um romance de Spielhagen o prende bem mais”.⁵⁶ Aqui Sobrinho expõe as considerações de Nietzsche sobre a forma com que os alunos do ginásio vêem a cultura clássica, ou seja, a retomada aos clássicos não é mais importante diante da necessidade da formação técnico científica, característica da modernidade. A modernidade não se apóia mais nos pilares que podem levá-la a uma cultura superior, isto é, a Antiguidade.

Entretanto, na Terceira Conferência, a desconfiança de Nietzsche em relação ao professor de cultura clássica. Para Nietzsche, as preocupações do professor se resumem em:

Não confundir os Gregos e os Romanos com os outros povos que eram bárbaros, e que, para ele, o grego e o latim não deveriam ser jamais línguas como as outras: é justamente indiferente para a sua tendência clássica saber se o esqueleto destas línguas coincide com a das outras línguas ou se é semelhante a estas: seu verdadeiro interesse deve levá-lo exatamente ao que não é comum, ao que coloca estes povos, enquanto não são bárbaros, acima dos outros, e isto na medida em que ele é justamente um mestre de cultura e deve querer ele próprio transformar-se segundo o modelo sublime do clássico.⁵⁷

⁵⁵ DELEUZE, *Nietzsche e a Filosofia*, p.70.

⁵⁶ NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, p.79.

⁵⁷ NIETZSCHE, *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, p.95.

A partir desse trecho é possível identificar a crítica de Nietzsche à maneira como os professores eruditos de cultura clássica conduzem seus ensinamentos. Há um nítido privilégio de uma cultura eurocêntrica, que pretende ser superior às demais culturas, e isso se verifica a partir do ensino das línguas. Não é esta a utilidade de se recorrer à cultura clássica, esta que deve ser entendida como necessária a formação do homem, cuja cultura é superior a forma decadente predominante na modernidade.

Embora Nietzsche faça uma análise do sistema de ensino alemão, expondo a forma como a educação é conduzida em sua época, ele explicita de forma concisa que este modelo de ensino não é o que vai conduzir o homem a uma cultura superior. Sua exposição objetiva trazer a luz os grandes equívocos cometidos na formação do homem. Formação esta que deve ser superada no sentido de priorizar uma moral de senhores como condutora da cultura, e não o que ele denomina moral de escravos. Esta, que é uma educação que visa satisfazer as necessidades materiais da vida, embora essa seja uma condição necessária para a existência. Sendo assim, o homem deve ser preparado para buscar além dessa condição material, isto é, a cultura, no sentido real do termo, o que se apresenta como uma luta constante no âmbito da vida. Suas considerações sobre esse assunto são:

Mas que ninguém vá pensar que os estabelecimentos que o impulsionam e o preparam para este combate possam, de maneira ou de outra, ser considerados como estabelecimentos de cultura num sentido sério da palavra. Trata-se aqui de instituições que se propõem superar as necessidades da vida; assim, portanto, podem prometer formar funcionários, comerciantes, oficiais, atacadistas, agrônomos, médicos ou técnicos. Nestas instituições, se aplicam, em todo caso, leis diferentes e medidas diferentes daquelas que permitem fundar estabelecimentos para a cultura: e o que no primeiro caso é permitido, ou seja, ordenado como possível, seria no segundo caso uma injustiça criminosa.⁵⁸

A proposta pedagógica de Nietzsche é voltada para uma moral de senhores, de afirmação da vida, que se pautar numa vontade de poder, ou seja, uma vontade afirmativa. Ela se apresenta como uma proposta de transvaloração de todos os valores decadentes da modernidade. Estabelece-se na filosofia de Nietzsche a necessidade de superar o niilismo, a vida reativa, fraca e diminuída. A superação do niilismo se dá a partir do próprio niilismo.

⁵⁸

Ibid, p.105.

Isso ocorre no momento em que a negação se converte em afirmação, rompendo com a possibilidade de triunfo das forças reativas impulsionadas pelo ideal ascético, este, que faz com o ressentimento e o sofrimento da má consciência se propaguem. A transvaloração não é apenas a substituição de uma moral por outra, mas a conversão que anuncia o *Além Homem*.

2.3. A função da arte dionisíaca no projeto de educação de Nietzsche

A concepção nietzschiana da arte é uma concepção trágica. Repousa sobre dois princípios, que é preciso conceber como princípios muito antigos, mas também como princípios do futuro. Em primeiro lugar, a arte é o contrário de uma operação “desinteressada”: não cura, não acalma, não sublima, não desinteressa, não suspende o desejo, o instinto ou a vontade. A arte pelo contrário é “estimulante da vontade de poder”, “excitante do querer”.⁵⁹

A afirmação de Deleuze é fundamental para compreender a função da arte no projeto de formação do homem livre. A arte estimula a vontade de poder, esta que impulsiona o homem a superar os valores que aniquilam a existência. Nesse sentido, é necessário propor uma arte que contribua para transfigurar o sofrimento da existência, sendo este o princípio que norteava a arte grega antiga, e não promover a arte ascética, isto é, a arte que exprime e propaga a doença do ressentimento.

Há na concepção de Nietzsche um olhar atento para a arte criadora, que desenvolva todas as potencialidades do artista dionisíaco. O espectador diante do contato com a obra de arte estabelece contato com a vida do próprio artista, sendo esta, movida pelo poder criador servirá então de estimulante para a afirmação da existência criadora do expectador. Contudo é necessário explicitar que a arte é sempre julgada a partir da perspectiva do espectador, mesmo que ocorra esse contato com o potencial criador do artista. Desse modo, a arte desempenha um papel essencial no projeto de formação do *Além Homem*, proposto por Nietzsche.

⁵⁹ DELEUZE, *Nietzsche e a Filosofia*, p.153.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de educação como formação do homem livre é fundamental na filosofia de Nietzsche. Ele propõe a superação de todos os valores amesquinhadores, que negam a existência humana, isto é, reduzem os sentidos e o poder criador do homem à condição de inferioridade, a favor de uma vida eterna.

É nesse sentido que há em Nietzsche uma Filosofia da Educação. Contudo, Nietzsche não é um filósofo cuja obra se apresenta de forma sistematizada, o que torna um desafio tentar identificar em seus textos sua concepção de educação, assim como suas implicações na proposta de formação de uma cultura superior.

Analisamos alguns pontos fundamentais para compreender a proposta de Nietzsche para a formação de um *Além Homem*. O estudo partiu das primeiras obras do autor, nas quais ele expõe suas primeiras considerações acerca da formação do homem. Não obstante, os conceitos trabalhados por Nietzsche desde os primeiros escritos perpassam toda sua obra, isto é, não é possível desenvolver um estudo na perspectiva da educação em Nietzsche sem recorrer a textos de períodos identificados na história da filosofia como pertencentes a diferentes fases da obra do autor. A concepção de educação em Nietzsche é constantemente retomada por ele, uma vez que ao tratar da superação de valores, que pressupõe a criação de novos valores. E esse processo se dá a partir da formação de homens capazes de serem os criadores desses novos valores que conduzirão a uma cultura superior.

É nesse sentido que a filosofia de Nietzsche não pode ser entendida como uma crítica destruidora, que não contribui com a formação humana e que não apresenta nenhuma proposta para superar o objeto de sua crítica, a cultura moderna. Pelo contrário, Nietzsche expõe seu projeto de educação, isto é, a formação de uma cultura que valorize a existência humana.

Em suma, a proposta de Nietzsche para a formação do *Além Homem* foi em sua época uma proposta para o futuro, ou seja, os leitores de sua obra, como ele mesmo previu seriam os

leitores do futuro. Desse modo, o estudo de Nietzsche na perspectiva da educação é relevante para a contemporaneidade, assim como sua crítica a modernidade, esta que estabeleceu os fundamentos para a formação do homem contemporâneo. No entanto, esse homem contemporâneo não almeja ser um *decadente* conforme estipulou a cultura moderna. Ele deseja criar uma nova cultura, novos valores, e é por esse viés que se deve pensar e discutir educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. *História da Filosofia*. Volume XI. Editorial Presença. Lisboa, 1984.

DANELON, Márcio. *Nietzsche Educador: uma leitura de Schopenhauer como Educador*. Perspectiva, Florianópolis. V.19, n.2, p.405-424, jul-dez/2001.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Antônio M. Magalhães. RÉS Editora Ltda. Porto, 1989.

GIACÓIA, O. *Algumas notas sobre A Grande Política*. In ITAPARICA, André Luís Mota. *Nietzsche: estilo e moral*. Discurso Editorial. São Paulo, 2002, p.147-163.

_____. *Nietzsche & Para Além do Bem e Mal*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005.

GUIDO, H. *A crise da universidade, ou a aurora da nova cultura: Nietzsche como educador*. 2009.

MARTON. *Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos*. Editora Unijui, 1996.

MELO SOBRINHO, N. C. de. *A pedagogia de Nietzsche*. In: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC-RIO, 2003, p.7-39.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

_____. *Assim Falava Zaratustra*. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2009.

_____. *Considerações extemporâneas*. In _____. NIETZSCHE, *textos escolhidos*. Editora Abril Cultural, p. São Paulo, 1978. *Coleção Os Pensadores*.

_____. *Ecce homo*. Tradução: Heloisa da Graça Burati. Editora Rideel. São Paulo, 2005.

_____. *Fragmentos Finais*. Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

_____. *Genealogia da moral – Uma Polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

_____. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva – Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução: Marco Antônio Casa Nova. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, In: _____ *Escritos sobre educação*. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC-Rio, 2003, p.41- 137.